

FEIRAS UNIVERSITÁRIAS E CIDADANIA ALIMENTAR: UNIVERSIDADES COMO ESPAÇOS EXPERIENCIAIS DE TRANSFORMAÇÃO DOS SISTEMAS ALIMENTARES

Coordenador (a): Magna Wachholz, Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil.

Apresentadores (as):

Gabriela Bertoldo Silva Ignacio, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Rurais – PPGER, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Unaí, Brasil.
Pablo Rush. Prof. Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

Paula Fontana, Prof. Adjunta, Facultad de Ciencias Veterinarias, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, Argentina.

Justificativa

A SORG propõe discutir o papel das feiras livres universitárias como espaços experienciais na formação da cidadania alimentar, entendida como a capacidade de sujeitos atuarem de forma consciente, crítica e participativa nos sistemas alimentares. Parte-se da compreensão de que as universidades, ao articularem ensino, pesquisa e extensão, podem constituir ambientes privilegiados para a experimentação de práticas que tensionam o modelo alimentar hegemônico e promovem alternativas mais justas e sustentáveis. A sessão será estruturada em quatro experiências complementares. A primeira apresenta uma abordagem teórico-analítica sobre a cidadania alimentar e as feiras universitárias enquanto espaços experienciais de formação cidadã. A segunda traz um panorama das feiras livres em universidades brasileiras, evidenciando sua diversidade e formas de organização. A terceira aborda a experiência da Feria del Productor al Consumidor, da Facultad de Agronomía da Universidad de Buenos Aires, e desta sua promoção dos circuitos curtos, consumo responsável e a formação de cidadania alimentar a partir do diálogo entre produtores, consumidores e comunidade universitária. Já a experiência La Justa, na Universidad Nacional de La Plata, destaca a construção de um sistema de comercialização solidária que articula feira universitária, redes de produtores e consumidores, agregação de valor e logística própria, enfatizando práticas de economia solidária, governança participativa e inovação sociotécnica. Ao articular essas experiências, a sessão contribui para o avanço teórico e empírico sobre cidadania alimentar, além de oferecer subsídios para políticas públicas e institucionais que fortaleçam o papel das universidades na transformação dos sistemas alimentares.

Resumos expandidos:

1. Feiras universitárias como espaços experienciais: fundamentos teóricos da formação da cidadania alimentar

Magna Wachholz

Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria.

A análise dos sistemas alimentares contemporâneos evidencia a centralidade de um sujeito reduzido à condição de consumidor, inserido em cadeias longas, opacas e altamente mediadas (HATANAKA, 2020; BINDI; BELLIGGIANO, 2023). Essa configuração produz um distanciamento estrutural entre produção e consumo, no qual os processos sociais, ecológicos e laborais que sustentam o alimento tornam-se invisíveis (DÍAZ-MÉNDEZ; LOZANO-CABEDO, 2020). Tal limitação tem sido amplamente problematizada pela literatura crítica, que aponta para a necessidade de reconstruir o vínculo entre alimentação e ação política.

É nesse horizonte que emerge o conceito de cidadania alimentar, entendido como uma ampliação da noção de cidadania para o campo alimentar, integrando direitos, responsabilidades e participação ativa. A cidadania alimentar se constitui como práxis social, estruturada em dimensões que articulam o direito à alimentação adequada, a equidade no acesso, a autonomia informada, a responsabilidade socioambiental, a inclusão de múltiplos atores, a participação em diferentes esferas e a governança do sistema alimentar (Lozano-Cabedo e Gómez-Benito, 2017). A contribuição de Wilkins (2005) é central ao deslocar o foco do “consumidor” para o “cidadão alimentar”, enfatizando que práticas alimentares devem ser compreendidas como formas de engajamento cívico e não apenas como decisões privadas.

Essa mudança analítica permite compreender que a formação da cidadania alimentar não ocorre de maneira abstrata ou exclusivamente normativa, mas depende de processos sociais concretos nos quais os indivíduos possam experimentar, refletir e agir sobre o sistema alimentar (CAROLAN, 2017; MOON, 2021). Nesse sentido, a universidade ocupa uma posição estratégica. Mais do que um espaço de transmissão de conhecimento, ela pode ser concebida como um ambiente de formação crítica, no qual se articulam ensino, pesquisa e extensão como dispositivos de produção de sujeitos reflexivos e politicamente implicados (HIGGS et al., 2012; MIGLIORINI et al., 2020). Conforme destacado na literatura, experiências formativas que integram teoria e prática ampliam a capacidade dos estudantes de compreender a complexidade dos sistemas alimentares e de reconhecer seu papel como agentes de transformação.

Essa perspectiva permite avançar para a compreensão dos espaços experienciais como mediações fundamentais entre conhecimento e ação. A aprendizagem experiencial, ao enfatizar

a dimensão situada e incorporada do conhecimento, rompe com a dicotomia entre teoria e prática, permitindo que valores, percepções e disposições sejam construídos a partir da interação direta com situações concretas (EUGENIO-GOZALBO; RAMOS-TRUCHERO; SUÁREZ-LÓPEZ, 2021). Trata-se de um processo no qual o conhecimento não é apenas adquirido, mas vivido, reinterpretado e ressignificado. Assim, a experiência torna-se condição para a internalização de princípios associados à cidadania alimentar, como responsabilidade, justiça e participação.

Mais do que espaços de comercialização, as feiras universitárias podem ser interpretadas, sob essa chave teórica, como dispositivos sociopedagógicos que operam na interseção entre diferentes dimensões do sistema alimentar. Trata-se de arranjos sociotécnicos e políticos que promovem a copresença entre atores tradicionalmente separados – produtores, consumidores, estudantes, técnicos – e que tornam visíveis os processos e relações que sustentam a produção de alimentos (RENTING et al., 2012). Essa visibilização do trabalho, aliada à possibilidade de interação direta, contribui para a reconstrução de vínculos sociais e para a reconfiguração das formas de conhecimento sobre o alimento.

Essa perspectiva permite compreender que tais espaços não apenas aproximam produção e consumo, mas produzem condições para a problematização dessas relações. Ao tornar o sistema alimentar inteligível em sua dimensão social, ecológica e política, esses dispositivos favorecem a emergência de uma consciência crítica que ultrapassa a lógica individual do consumo (WILKINS, 2005; HATANAKA, 2020). Nesse sentido, as feiras universitárias podem ser compreendidas como infraestruturas pedagógicas que operam simultaneamente como espaços de aprendizagem, de interação social e de construção de sentidos.

A partir desse enquadramento, a formação da cidadania alimentar pode ser interpretada como um processo que emerge da experiência social situada. As dimensões propostas por Lozano-Cabedo e Gómez-Benito (2017) não se configuram como atributos previamente dados, mas como disposições que se constroem na prática. O reconhecimento do direito à alimentação, por exemplo, ganha densidade quando articulado a experiências concretas de acesso e produção; a responsabilidade socioambiental se torna inteligível quando vinculada às consequências das práticas produtivas; a participação se materializa na possibilidade de intervir em decisões coletivas; e a governança se torna um campo de ação quando os sujeitos se reconhecem como parte do sistema.

Essa abordagem permite enfatizar que a cidadania alimentar deve ser compreendida como processo, e não como estado (GÓMEZ-BENITO; LOZANO, 2014). Trata-se de uma construção contínua, situada e relacional, que depende de contextos institucionais e de dispositivos que possibilitem a articulação entre conhecimento, experiência e ação. Nesse sentido, as feiras universitárias se configuram como espaços privilegiados para observar e analisar esses processos, não por sua dimensão empírica em si, mas por sua capacidade de condensar, em um mesmo arranjo, múltiplas dimensões da cidadania alimentar.

Em síntese, a análise teórica aqui desenvolvida permite sustentar que feiras universitárias podem ser compreendidas como dispositivos de formação da cidadania alimentar na medida em que operam como mediações entre sujeitos, conhecimentos e práticas. Ao articular copresença, visibilidade e interação, esses espaços criam condições para a emergência de uma práxis alimentar que integra direitos, responsabilidades e participação. Trata-se, portanto, de deslocar o olhar sobre essas experiências: de mercados alternativos para infraestruturas sociopedagógicas capazes de contribuir para a construção de sistemas alimentares mais democráticos, justos e sustentáveis (LOZANO-CABEDO; GÓMEZ-BENITO, 2017).

Referências:

- BINDI, L.; BELLIGGIANO, A. A highly condensed social fact: food citizenship, individual responsibility, and social commitment. *Sustainability*, v. 15, n. 8, 2023.
- DÍAZ-MÉNDEZ, C.; LOZANO-CABEDO, C. Food governance and healthy diet. *Trends in Food Science & Technology*, v. 105, p. 449–453, 2020.
- EUGENIO-GOZALBO, M.; RAMOS-TRUCHERO, G.; SUÁREZ-LÓPEZ, R. University gardens for sustainable citizenship. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, v. 22, n. 3, p. 516–534, 2021.
- HATANAKA, M. Beyond consuming ethically? Food citizens, governance, and sustainability. *Journal of Rural Studies*, v. 77, p. 55–62, 2020.
- LOZANO-CABEDO, C.; GÓMEZ-BENITO, C. A theoretical model of food citizenship for the analysis of social praxis. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, v. 30, n. 1, p. 1–22, 2017.
- MIGLIORINI, P. et al. Students' knowledge and expectations about sustainable food systems in higher education. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, v. 21, n. 6, p. 1087–1110, 2020.
- MOON, S. Women's food work, food citizenship & transnational consumer capitalism. *Food, Culture & Society*, v. 25, n. 3, p. 449–467, 2021.
- WILKINS, J. L. Eating right here: moving from consumer to food citizen. *Agriculture and Human Values*, v. 22, p. 269–273, 2005.

2. Feiras universitárias no Brasil: distribuição territorial e formatos organizacionais de iniciativas alimentares vinculadas à extensão

Gabriela Bertoldo Silva Ignacio

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Rurais – PPGER, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM.

Introdução

No contexto das transformações dos sistemas alimentares, a revalorização dos mercados territoriais surge como resposta às tensões atuais, sendo constituída por instituições, atores, estruturas e relações de poder presentes no território (Cruz; Schneider, 2022). Entre os elementos centrais para o escoamento e a comercialização destacam-se a localização das feiras, os preços, a oferta e variedade dos alimentos, a comercialização direta com o consumidor e seu papel como espaços de sociabilidade e promoção da saúde (Carvalho et al., 2022; Cruz; Schneider, 2022).

Os circuitos curtos integram redes alimentares alternativas que buscam reconectar produção, território e consumo por meio de relações de proximidade e confiança (Renting; Marsden; Banks, 2003). Embora organizados por regras próprias, esses mercados estão inseridos em um sistema regulatório mais amplo, influenciado por normas sanitárias, legislações e dinâmicas de preços globais (Cruz; Schneider, 2022).

As feiras livres, agroecológicas e da agricultura familiar são espaços estratégicos para concretizar os princípios da Segurança Alimentar e Nutricional e da soberania alimentar, pois fortalecem circuitos curtos de comercialização, valorizam alimentos frescos e culturalmente adequados e aproximam produtores e consumidores. Assim, contribuem para a democratização do acesso à alimentação adequada e sustentável e para a construção de sistemas alimentares mais justos e resilientes.

Boaventura de Sousa Santos e Naomar de Almeida Filho ampliam o debate sobre a extensão universitária ao situá-lo no plano epistemológico. Em *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova* (2008), os autores defendem que, além de suas funções institucionais, a extensão envolve a definição dos tipos de conhecimento que deve produzir, destacando a importância de uma “ecologia de saberes” baseada no diálogo entre conhecimentos acadêmicos e saberes populares, tradicionais e de diferentes matrizes culturais. Essa abordagem é apresentada como relevante diante de questionamentos contemporâneos sobre o papel social da ciência e seus limites na resposta a demandas sociais (Santos; Almeida Filho, 2008). As feiras vinculadas às universidades podem ser compreendidas como iniciativas de extensão que favorecem a construção de espaços de interação entre conhecimentos

acadêmicos e saberes populares, produtivos e territoriais. Nesse sentido, configuram ambientes compatíveis com a noção de “ecologia de saberes” proposta por Boaventura de Sousa Santos, ao promoverem o diálogo entre universidade, agricultura familiar e práticas alimentares socialmente situadas

Nos últimos anos, observa-se a expansão de feiras universitárias no Brasil, articulando ensino, pesquisa e extensão em iniciativas voltadas à aproximação entre produtores e consumidores. Apesar da crescente literatura sobre circuitos curtos e mercados territoriais no Brasil, ainda são raros estudos de abrangência nacional voltados especificamente às feiras vinculadas às universidades federais. Nesse contexto, o mapeamento dessas iniciativas permite compreender o papel das universidades como espaços de articulação entre produção e consumo alimentar e como agentes na construção de circuitos curtos de comercialização. As feiras universitárias podem ser compreendidas como dispositivos sociotécnicos que articulam circuitos curtos de comercialização, práticas de extensão e processos formativos vinculados à cidadania alimentar.

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados parciais de uma pesquisa dedicada ao mapeamento das feiras de alimentos vinculadas às universidades federais brasileiras, identificando sua distribuição territorial, formas de organização e níveis de institucionalização no âmbito das iniciativas de extensão universitária.

Metodologia

O levantamento baseou-se na identificação de feiras vinculadas às universidades federais brasileiras por meio de análise de informações disponíveis em sites institucionais, redes sociais, registros administrativos das Pró-Reitorias de Extensão e respostas a questionários encaminhados às instituições. A partir dos dados coletados, foram sistematizadas informações sobre localização regional, vínculos institucionais, formas de organização e presença digital das iniciativas. O mapeamento foi realizado entre agosto de 2025 a fevereiro de 2026. Foram consideradas iniciativas com funcionamento regular vinculadas institucionalmente a projetos, programas ou ações de extensão universitária.

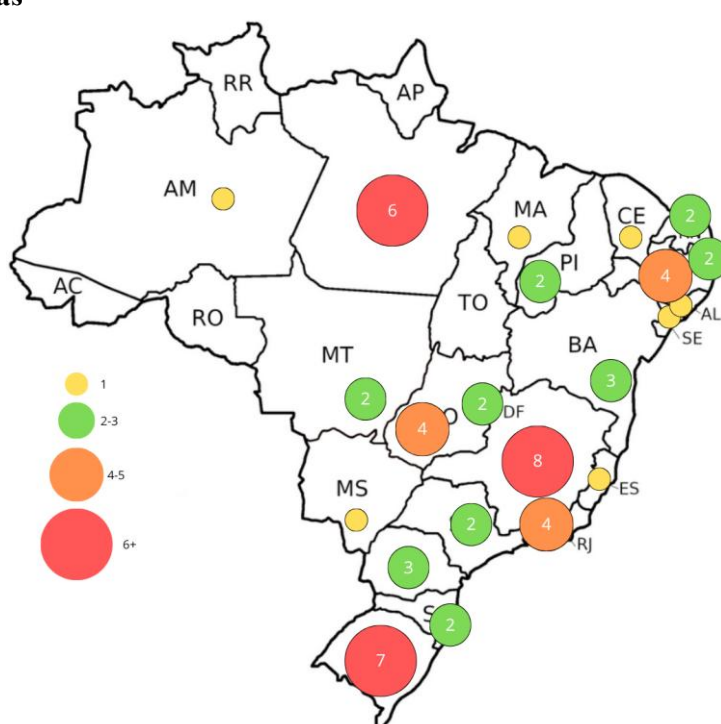
Resultados

Como resultados parciais desta pesquisa foram identificadas 61 feiras de alimentos vinculadas a universidades federais brasileiras, estando presentes em 75,4% das 69 instituições analisadas. A distribuição territorial dessas iniciativas acompanha, de forma geral, a

distribuição regional das universidades federais, indicando a capilaridade nacional do fenômeno. Observou-se que a criação das feiras ocorre predominantemente a partir de projetos de extensão, grupos de estudo em agroecologia e iniciativas acadêmicas locais, que posteriormente passam por processos graduais de institucionalização.

No mapa a seguir apresentamos o número de feiras vinculadas às universidades federais por estado que foi possível catalogar. Estados sem registro não apresentaram feiras identificadas no período.

Figura 1: Distribuição territorial das feiras de alimentos vinculadas às universidades federais brasileiras



Fonte: elaboração própria com base em levantamento junto às universidades federais (2024–2025).

As feiras apresentam níveis diferenciados de consolidação organizacional, variando entre iniciativas com comunicação digital estruturada e regularidade de funcionamento, experiências com presença institucional parcial e iniciativas latentes ou descontinuadas. Verificou-se também associação frequente entre a existência de feiras e a presença de cursos ou departamentos da área de Ciências Agrárias, bem como sua vinculação a redes agroecológicas e projetos extensionistas.

Os resultados indicam que as feiras universitárias configuram-se como prática amplamente disseminada no sistema federal de ensino superior, embora não constituam política pública centralizada. Sua emergência está associada à articulação entre universidades, agricultura familiar e redes de agroecologia, revelando o papel da extensão universitária como

mediadora na construção de circuitos alternativos de comercialização alimentar e na aproximação entre universidade e sociedade.

Conclusão

O panorama apresentado evidencia que as feiras universitárias constituem iniciativas territorialmente distribuídas e organizacionalmente heterogêneas, cuja consolidação depende menos de fatores estruturais institucionais e mais da mobilização de atores locais e de redes acadêmicas e agroecológicas. Ao sistematizar informações sobre a presença e os formatos dessas iniciativas, o estudo contribui para ampliar a compreensão do papel das universidades públicas na articulação entre extensão universitária, agricultura familiar e sistemas alimentares sustentáveis.

O estudo evidencia que as feiras universitárias apresentam ampla distribuição territorial, formas organizacionais heterogêneas e diferentes níveis de institucionalização, configurando-se como dispositivos relevantes de articulação entre extensão universitária, agricultura familiar e sistemas alimentares sustentáveis.

Referências

CARVALHO, S. M.; BEZERRA, I.; RIGON, S. DO A.; CASSARINO, J. P. Feiras Orgânicas enquanto política de abastecimento alimentar e promoção da saúde: um estudo de caso. **Saúde em Debate**, v. 46, n. spe2, p. 542–554, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/py7FSkCmpNGmBZw4yzNnhVc/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 13 set. 2025.

CRUZ, M. S.; SCHNEIDER, S. Feiras alimentares e mercados territoriais: a estrutura e o funcionamento das instituições de ordenamento das trocas locais. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 93–113, 2022. DOI:

10.37370/raizes.2022.v42.769. Disponível em:

<https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/769>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. A. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra: Almedina Brasil, 2009. Disponível em:

https://flacso.org.br/files/2015/08/AUniversidadenoSeculoXXI_Boaventura-Naomar.pdf.

Acesso em: 25 ago. 2025.

3. Feria del Productor al Consumidor (FAUBA): circuitos cortos y comercialización directa en la universidad

Pablo Rush

Prof. Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

En las últimas décadas, los sistemas agroalimentarios han estado marcados por procesos de creciente concentración económica, estandarización productiva y distanciamiento entre producción y consumo, generando asimetrías en el acceso a los alimentos y en la distribución del valor a lo largo de las cadenas. En este contexto, emergen iniciativas que buscan reconfigurar estas relaciones, especialmente mediante la construcción de mercados de proximidad y la valorización de la agricultura familiar (SCHNEIDER, 2016). Entre estas experiencias, se destacan las ferias de comercialización directa vinculadas a universidades, que articulan prácticas económicas, procesos formativos y dinámicas institucionales.

La Feria del Productor al Consumidor, organizada por la Facultad de Agronomía de la Universidad de Buenos Aires (FAUBA), constituye una de estas experiencias. Creada en 2013 a partir de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (CALISA), la feria surge como respuesta a las dificultades históricas enfrentadas por la agricultura familiar para acceder a canales de comercialización. Al promover la venta directa entre productores y consumidores, sin intermediación, la iniciativa busca establecer condiciones más justas de intercambio, al mismo tiempo que reconstruye vínculos sociales en torno a los alimentos (FAUBA, 2023; RUSH et al., 2020).

La feria se caracteriza por la diversidad de actores involucrados, incluyendo productores familiares, organizaciones sociales, estudiantes, docentes y técnicos, configurándose como un espacio híbrido que articula mercado, extensión universitaria y producción de conocimiento. Su organización combina elementos de mediación institucional – a través de la estructura universitaria – con formas de participación de los feriantes, incluyendo instancias colectivas de decisión y definición de criterios de funcionamiento. Además de la comercialización de alimentos frescos y elaborados, la feria incorpora actividades culturales, educativas y formativas, ampliando su función más allá de la dimensión económica (FAUBA, 2023).

Desde el punto de vista analítico, la Feria del Productor al Consumidor puede comprenderse como un dispositivo sociotécnico que integra dimensiones económicas, sociopolíticas y pedagógicas. En el plano económico, opera como un circuito corto de comercialización, reduciendo la intermediación y posibilitando mejores condiciones de ingresos para los productores y precios más accesibles para los consumidores. En el plano

sociopolítico, promueve principios asociados a la soberanía alimentaria, la economía social y el consumo responsable (RUSH et al., 2020), incentivando prácticas que valorizan el origen de los alimentos, los modos de producción y las relaciones de confianza. En el plano pedagógico, constituye un espacio de aprendizaje experiencial, en el cual estudiantes y comunidad universitaria entran en contacto directo con los procesos de producción y comercialización, contribuyendo a la formación de una comprensión crítica de los sistemas alimentarios.

En este sentido, la experiencia de la FAUBA permite avanzar en la comprensión de las ferias universitarias como espacios experienciales de construcción de la ciudadanía alimentaria. Al posibilitar el encuentro directo entre productores y consumidores, la feria activa dimensiones como el derecho a la alimentación adecuada, la autonomía informacional, la responsabilidad ética y la participación social (LOZANO-CABEDO; GÓMEZ-BENITO, 2017). Sin embargo, este proceso no ocurre de manera lineal ni homogénea, estando atravesado por tensiones estructurales que condicionan su alcance y profundidad.

Entre estas tensiones, se destacan los desafíos relacionados con la gobernanza y la autonomía de los actores involucrados, ya que la feria opera en un equilibrio entre la autogestión de los feriantes y la mediación institucional de la universidad. Asimismo, se evidencian cuestiones relativas a la escala y la inclusión social, en la medida en que experiencias de comercialización directa pueden permanecer restringidas a determinados públicos, limitando su potencial de ampliación. Además, se plantea la cuestión del papel de estas iniciativas en el conjunto de los sistemas alimentarios: si se configuran como alternativas capaces de promover transformaciones más amplias o como nichos diferenciados insertos dentro del sistema dominante, una tensión que puede interpretarse a la luz de la noción de contramovimiento propuesta por Polanyi (2000).

De este modo, la Feria del Productor al Consumidor revela tanto las potencialidades como los límites de las ferias universitarias como estrategias de reconfiguración de los sistemas alimentarios. Al articular prácticas económicas, procesos educativos y principios sociopolíticos, la experiencia evidencia el papel de las universidades como actores relevantes en la construcción de mercados alternativos y en la formación de sujetos más conscientes y comprometidos. Al mismo tiempo, señala la necesidad de profundizar análisis que consideren las condiciones institucionales, sociales y territoriales que moldean estas iniciativas.

Se concluye que la feria de la FAUBA se configura como un caso emblemático de articulación entre universidad y sociedad en la construcción de circuitos cortos de

comercialización, ofreciendo elementos relevantes para el debate sobre ciudadanía alimentaria y transformación de los sistemas agroalimentarios.

Referencias

FAUBA. *Feria del Productor al Consumidor: informe técnico*. Buenos Aires: Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires, 2023.

LOZANO-CABEDO, C.; GÓMEZ-BENITO, C. A theoretical model of food citizenship for the analysis of social praxis. *Journal of Rural Studies*, v. 49, p. 1–10, 2017.

POLANYI, K. *La gran transformación: los orígenes políticos y económicos de nuestro tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

RUSH, P. et al. Soberanía alimentaria y economía social: la Feria del Productor al Consumidor en la Facultad de Agronomía (UBA) (2015–2019). *Revista Americana de Emprendimiento e Innovación*, 2020.

SCHNEIDER, S. *Mercados y agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

4. Redes produtivas locais e construção de mercados na agricultura familiar: contribuições de experiências da UNLP para a cidadania alimentar

Paula Fontana

Prof. Adjunta, Facultad de Ciencias Veterinarias, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, Argentina.

1. Introdução

Nas últimas décadas, os sistemas agroalimentares têm sido marcados por concentração, padronização e distanciamento entre produção e consumo, aprofundando desigualdades e condicionando o acesso a alimentos em bases justas e sustentáveis. Em resposta, emergem experiências que buscam reconfigurar essas relações, promovendo circuitos de proximidade e formas associativas de comercialização.

As universidades públicas configuram-se como espaços estratégicos de articulação entre ensino, pesquisa e extensão em diálogo com problemáticas territoriais. No campo agroalimentar, isso se expressa na construção de dispositivos que conectam produtores, consumidores e comunidade acadêmica, gerando espaços de intercâmbio, aprendizagem e experimentação. Este trabalho insere-se em um projeto voltado à análise de estratégias de produção, agregação de valor e comercialização na agricultura familiar da região de La Plata, com ênfase em processos de inovação social e institucional. São analisadas experiências da Universidad Nacional de La Plata – como feiras, comercializadoras e espaços cooperativos – compreendidas como dispositivos que, para além da função comercial, reconfiguram relações entre atores e tensionam a construção da cidadania alimentar.

Os sistemas agroalimentares contemporâneos também se caracterizam por circuitos dominados por grandes cadeias, gerando relações assimétricas e limitando o acesso da agricultura familiar aos mercados (BAGENETA, 2023; LATTUADA, 2014; CARACCIOLO, 2014). Nesse contexto, circuitos curtos e mercados alternativos emergem como estratégias de fortalecimento produtivo e de reconstrução dos vínculos entre produção e consumo (CARACCIOLO; DUMRAUF, 2012; CORAGGIO, 2010).

A inovação, nesse campo, ultrapassa a dimensão tecnológica, incorporando processos sociais e institucionais que emergem da interação entre atores (DELGADO, 2010), enquanto os mercados passam a ser compreendidos como redes dinâmicas de relações (CARACCIOLO; FONTANA, 2016). Por fim, o conceito de cidadania alimentar permite compreender os sujeitos como atores capazes de intervir coletivamente nas decisões do sistema alimentar (RENTING; SCHERMER; ROSSI, 2012), sendo as experiências universitárias espaços privilegiados para a articulação dessas dimensões.

2. Metodologia

O trabalho fundamenta-se em um projeto de pesquisa orientado à análise de estratégias de produção, agregação de valor e comercialização na agricultura familiar. A abordagem metodológica insere-se na Pesquisa-Ação Participativa (PAP), a partir de uma perspectiva transdisciplinar. Adota-se uma estratégia de estudo de casos múltiplos, centrada em experiências desenvolvidas na Universidad Nacional de La Plata. A construção das informações baseia-se em técnicas qualitativas, como entrevistas, questionários, observação participante e análise documental, com amostragem teórica. A análise orienta-se por uma leitura interpretativa dos processos, considerando a construção de mercados, as formas de articulação entre atores e a configuração de práticas vinculadas à cidadania alimentar.

3. Discussão dos Resultados

As experiências analisadas estabelecem vínculos diretos entre produtores, consumidores e universidade, reduzindo a intermediação e favorecendo formas mais transparentes de troca. Esses dispositivos configuram circuitos de proximidade que fortalecem redes produtivas locais e podem ser compreendidos como processos de inovação social e organizacional que tensionam as lógicas dominantes dos mercados agroalimentares.

Observam-se, também, processos de agregação de valor que ultrapassam a dimensão produtiva, vinculados à retenção de valor nos territórios e ao fortalecimento das capacidades dos atores envolvidos. Além disso, esses espaços operam como ambientes de formação situada, integrando conhecimentos acadêmicos e práticas territoriais.

Nesse sentido, os dispositivos analisados não se restringem a alternativas de comercialização, mas constituem espaços nos quais se configuram formas específicas de mercado, redefinindo condições de troca, critérios de valorização e relações entre os atores. Essa reconfiguração permite compreender essas experiências como parte de processos mais amplos de transformação dos sistemas agroalimentares em escala local.

4. Considerações finais

O trabalho permite compreender esses dispositivos como espaços onde se configuram formas específicas de organização dos sistemas agroalimentares. A articulação entre produção, agregação de valor, comercialização, formação e território possibilita a construção de circuitos que reconfiguram as relações entre os atores. Essas experiências contribuem para a produção

de outras formas de mercado, baseadas na proximidade e na construção de vínculos, evidenciando o papel da universidade como ator na geração de respostas a problemáticas territoriais. A cidadania alimentar é compreendida como um processo situado, construído na participação em práticas concretas, evidenciando o potencial das universidades como espaços de experimentação e construção coletiva de alternativas nos sistemas agroalimentares.

Referências

- BAGENETA, J. M.; DÁVILA PICO, A. Informe circuitos de comercialización y elaboración de alimentos de pequeños productores del cinturón hortícola platense. La Plata, 2023.
- CARACCILOLO, M.; DUMRAUF, S. Estudio de los consumidores de la Feria de la Agricultura Familiar “Manos de la Tierra”. Buenos Aires: INTA, 2012.
- CARACCILOLO, M. Construcción de tramas de valor y mercados solidarios. In: GARCÍA, M. (comp.). Espacio y poder en las políticas de desarrollo del siglo XXI. Buenos Aires: Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación Productiva; CEUR, 2014.
- CARACCILOLO, M.; FONTANA, P. Instituciones y políticas públicas de apoyo a la gestión comercial de la agricultura familiar en la Argentina. In: Jornadas Interdisciplinarias de Estudios Agrarios y Agroindustriales Argentinos y Latinoamericanos, 9., 2015, Buenos Aires.
- CARACCILOLO, M.; FONTANA, P. Situación de la institucionalidad de apoyo a la innovación comercial y de los procesos de gestión comercial de la agricultura familiar en la Argentina. Buenos Aires: IICA, 2016.
- CORAGGIO, J. L. Pensar desde la perspectiva de la economía social. In: CITTADINI, R. et al. (comps.). Economía social y agricultura familiar. Buenos Aires: INTA, 2010.
- DELGADO, R. Investigación participativa revalorizadora e innovación tecnológica. La Paz: Plural Editores, 2010.
- GARCÍA, M.; QUARANTA, G. Nuevas características de la estructura socioproductiva de la pequeña horticultura platense. Revista del Ministerio de Desarrollo Agrario de la Provincia de Buenos Aires, 2021.
- LATTUADA, M. Las asociaciones económicas de la agricultura familiar. Buenos Aires: INTA; IICA; MAGyP, 2014.
- RENTING, H.; SCHERMER, M.; ROSSI, A. Building food democracy: exploring civic food networks and food citizenship. International Journal of Sociology of Agriculture and Food, 2012.
- YIN, R. Case study research. London: Sage, 2009.